

31/05/2007 // O custo da notícia



Aumenta valor médio de indenizações contra a imprensa
por Márcio Chaer – diretor da Revista Consultor Jurídico – 31 de maio de 2007

O número de ações indenizatórias por dano moral contra os cinco mais conhecidos grupos de comunicação (Globo, Abril, Estado, Folha e Editora Três) caiu nos últimos quatro anos. Em compensação, a faixa média das indenizações no Brasil multiplicou-se por quatro. Passou de R\$ 20 mil para R\$ 80 mil.

Valor Médio de Indenizações

Ano Valor

2003 R\$ 20 mil

2007 R\$ 80 mil

O levantamento, feito pela revista Consultor Jurídico, foi divulgado durante o 2º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, promovido pela Abraji na semana passada.

Até o mês de abril, registravam-se 3.133 processos em um universo de 3.237 jornalistas. Os dados foram fornecidos pelos advogados da Editora Abril, Grupo Folha e Grupo Estado. Os dados do sistema Globo e da Editora Três foram pesquisados nos sites de tribunais. As duas empresas somam juntas 1.825 ações.

O levantamento apontou que as empresas jornalísticas vencem cerca de 80% das ações cíveis. Do universo global de processos, apenas 4,2% foram ajuizados na Justiça criminal.

Em pesquisa anterior, feita junto ao mesmo grupo de empresas, registrou-se a existência de 3.342 ações contra um universo de 2.783 jornalistas. Ou seja, havia 1,2 processo para cada profissional. A relação caiu para 0,9 processo por jornalista.

Números de Jornalistas X Número de Processos(Cinco Maiores Grupos de Comunicação)

Ano Jornalistas Processos

2003 2.783 3.342

2007 3.237 3.133

Quadro de Jornalistas(Cinco Maiores Grupos de Comunicação)

Ano Número de jornalistas

2003 2.783*

2007 3.237**

* Em 2003 foram contabilizados os profissionais em jornais impressos, TVs e revistas;

** Em 2007 foram considerados também os jornalistas na internet e em agências.

A se confirmar as projeções, considerado o índice de vitórias da imprensa e o valor médio das condenações, os eventuais ofendidos serão indenizados em R\$ 50 milhões (627 processos multiplicados pela média de R\$ 80 mil).

A primeira vez que o site fez esse levantamento, no ano de 2001, apurou-se que havia apenas 1.237 processos contra empresas e profissionais de imprensa. A apuração foi feita no mês de dezembro.

Progressão do Número de Processos(Cinco Maiores Grupos de Comunicação)

Ano Número de processos

2001 1.237

2003 3.342

2007 3.133

Números de JornalistasMaio 2007

Empresa Números

Abril 780

Grupo Estado 200

Grupo Folha 430

Grupo Globo 1.766

Editora Três 61

Total 3.237

A brusca elevação do volume de ações por dano moral contra a imprensa não é um fenômeno isolado. Pelos números do Superior Tribunal de Justiça, a reportagem apurou um crescimento de 42.700% entre o ano de 1993 e o primeiro quadrimestre de 2007 (considerando todo e qualquer tipo de ação por dano moral). Entre 2001 e 2007, o número de processos contra a imprensa cresceu 159%. Pela estatística no STJ os processos que pedem reparação por dano moral de toda ordem (não só contra a imprensa), no mesmo período, multiplicaram-se por 12.

Considerando-se que o STJ recebe cerca de 300 mil recursos por ano e a Justiça brasileira recebe algo como 30 milhões de processos novos a cada 12 meses, pode-se fazer uma projeção para estimar o número de processos por dano moral em todo o país. Ou seja: se o STJ recebe anualmente 10 mil novos processos por dano moral isto pode representar, nacionalmente, um volume de 1 milhão de ações com essa finalidade.

De onde se pode aduzir que o número de 3.133 processos existentes contra os cinco grandes grupos de comunicação é alto — já que existem no país mais cerca de cinco mil empresas jornalísticas. Mas os números enquadram-se em um contexto de mudança de comportamento do país. Um dos grupos de comunicação consultados informou que, para os cerca de 300 processos por dano moral contra a redação, há outras 1.200 ações de outra ordem contra a empresa.

Processos Autuados no STJ com os assuntos "Indenização — Dano Moral / Dano Material c/c Moral"

Ano Número de processos

1993 28
1994 47
1995 181
1996 228
1997 440
1998 540
1999 962
2000 1.331
2001 1.748
2002 3.990
2003 4.632
2004 8.201
2005 10.008

Justiça como notícia

Na edição desta semana, a revista *Veja* foi obrigada a publicar a íntegra da sentença que a condenou a pagar indenização por danos morais ao delegado da Polícia Federal Paulo Gustavo de Magalhães Pinto. Motivo: *Veja* afirmou que o delegado estava envolvido no escândalo da gravidez da cantora mexicana Glória Trevi e que era acusado de ter autorizado ilegalmente mais de dois mil porte de armas.

A determinação foi do juiz Manoel Franklin Fonseca Carneiro, da 20ª Vara Cível do Distrito Federal. A decisão foi tomada em 2003. A Editora Abril, responsável pela publicação, recorreu e conseguiu reduzir o valor da reparação de R\$ 100 mil para R\$ 60 mil. Só não conseguiu reverter a determinação de publicar a íntegra da sentença condenatória com o mesmo destaque do fato noticiado pela revista em 24 de outubro de 2001.

Um fator que não tem ajudado jornais e jornalistas é o intenso noticiário versando sobre as intrincadas questões que envolvem temas judiciais e juízes. As notícias desagradáveis têm gerado fricções com a magistratura.

A revista *Exame* foi alvo de três ações de indenização por danos morais movidas por juízes trabalhistas por conta de uma nota publicada na seção *Leis & Negócios*, em 2004. A curta notícia falava de um encontro de juízes do Trabalho, promovido em Angra dos Reis, nos dias que antecederam o feriado de finados. Despretensiosa, a nota falava o óbvio. Fazia a contraposição entre uma Justiça mergulhada na morosidade e um cenário nacional cheio de feriados emendados, férias e eventos realizados em dias úteis.

Três juízes trabalhistas decidiram processar o autor da nota. As três ações foram consideradas improcedentes em primeira instância. Os juízes recorreram. O tribunal de Justiça de São Paulo já rejeitou dois dos recursos, o último há um mês. O terceiro aguarda julgamento. O argumento para a rejeição das ações foi basicamente o mesmo: a crítica se destinaria ao sistema e não aos autores, individualmente.

Este mês, o juiz Alexander dos Santos Macedo conseguiu que a *Infoglobo* publicasse um direito de resposta às acusações de irregularidades na época do julgamento do caso *Palace 2*. A resposta, que ocupou uma página de *O Globo* em 19 de maio, trouxe o voto do relator Motta Moraes na decisão que inocentou Macedo

no Conselho da Magistratura do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro.

O cenário brasileiro, contudo, é ainda suave em comparação com decisões no exterior. No mês de abril deste ano, o jornal The Boston Herald foi condenado a pagar US\$ 2 milhões a um juiz. A decisão foi tomada pela Suprema Corte de Massachusetts. O juiz processou o jornal porque o matutino o definiu como uma pessoa "flexível para o crime e insensível ao sofrimento de uma vítima de estupro".

A Suprema Corte de Massachusetts afirmou que a imprensa tem o direito e o dever de examinar o setor judicial e criticar juízes e outras autoridades da corte. Mas ressaltou: "A imprensa, entretanto, não deve nem pode publicar informação falsa sobre ninguém, porque isso pode gerar furor público".

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

30/05/2007 // O Valor da Notícia - Jürgen Habermas



Caderno Mais - FSP - 27/05/2007

A imprensa de qualidade desempenha um papel de liderança: rádio e TVs dependem de temas e contribuições provenientes do jornalismo "argumentativo"

JÜRGEN HABERMAS

Semanas atrás, a página de economia do jornal alemão "Die Zeit" assustou seus leitores com a manchete "O quarto poder corre perigo?". Tratava-se da notícia alarmante de que o "Süddeutsche Zeitung" rumava para um futuro econômico de incertezas.

A maioria dos acionistas quer se ver livre do jornal; caso as coisas se encaminhem para um leilão, é possível que um dos dois bons diários supra-regionais da Alemanha [o outro é o "Frankfurter Allgemeine"] caia nas mãos de investidores privados, fundos de investimento ou conglomerados de mídia.

Haverá quem diga: "Business as usual" [negócios, como sempre]. O que poderia haver de alarmante no fato de que os proprietários queiram fazer uso de seu direito de se desfazer de seus negócios, sejam quais forem seus motivos?

A crise dos jornais, desencadeada no começo de 2002 pelo colapso do mercado publicitário, ficou para trás - no "Süddeutsche Zeitung" e em outros órgãos de imprensa da mesma dimensão. As famílias que agora se dispõem a vender sua participação detêm 62,5% das ações e escolheram um momento propício.

Apesar da concorrência digital e dos novos hábitos de leitura, os lucros vêm aumentando.

Deixando de lado a boa conjuntura econômica, os lucros se devem sobretudo a medidas de racionalização com impacto direto sobre o desempenho e a margem de manobra das redações. Notícias bombásticas à maneira do jornalismo norte-americano ditam a tendência atual.

Assim, por exemplo, o "Boston Globe", um dos poucos jornais de centro-esquerda dos EUA, teve que renunciar a todos os seus correspondentes no estrangeiro, enquanto os grandes encorajados da imprensa nacional - como o "Washington Post" e o "New York Times" - temem a capitulação diante de fundos ou conglomerados ávidos por "sanear" jornais em vista de taxas de lucro descabidas; no caso do "Los Angeles Times", esse já é fato consumado.

Jugo do lucro

Há três semanas, o "Die Zeit" voltou à carga, falando de um "ataque de Wall Street à imprensa dos EUA". O que há por trás desse tipo de manchete? Certamente, o temor de que os mercados não façam justiça à dupla função que a imprensa de qualidade até hoje desempenhou: atender à demanda por informação e formação, sem comprometer taxas de lucro aceitáveis.

Mas os lucros em alta não serão uma confirmação de que jornais "enxutos" satisfazem melhor os desejos de seus consumidores?

Conceitos vagos como "profissional", "arrojado" ou "sério" não servem apenas para velar a preeminência concedida ao leitor adulto, que sabe o que quer?

A imprensa terá o direito de, sob o pretexto da "qualidade", cercear a liberdade de escolha de seus leitores?

Por que forçar a leitura de reportagens áridas em vez de "infotainment" [fusão, em inglês, das palavras "information" e "entertainment", informação e entretenimento], comentários objetivos e argumentos circunstanciados, ao invés de encenações apelativas de personalidades e acontecimentos?

A objeção que se manifesta nessas questões se baseia na suposição polêmica de que os consumidores escolhem com autonomia, segundo suas preferências pessoais. Mas essa espécie de verdade acacia certamente induz ao erro quando se trata de uma mercadoria tão peculiar quanto a informação política e cultural. Pois essa mercadoria a um só tempo atende e transforma as preferências de seus consumidores.

Formação em massa

Não há dúvida de que leitores, ouvintes e espectadores seguem suas preferências ao fazer uso dos meios de comunicação: querem se divertir ou se distrair, querem se informar ou tomar parte em debates públicos.

Mas, quando se interessam por um programa político ou cultural, quando recebem a "bênção matinal realista" da leitura de jornais, todos se expõem - com alguma medida de autopaternalismo - a um processo de aprendizado de resultados imprevisíveis.

No curso de uma leitura, novas preferências, convicções ou juízos podem se formar.

A metapreferência que orienta uma tal leitura se dirige então àquelas prioridades que se exprimem na auto-imagem de um jornalismo independente e que fundamentam o prestígio da imprensa de qualidade.

A polêmica sobre o caráter peculiar da mercadoria "informação e formação" faz pensar no slogan que fez furor quando do surgimento da televisão: essa nova mídia não seria mais que "uma torradeira com imagens".

Pensava-se que a produção e o consumo de programas televisivos podiam ser deixados inteiramente a cargo do mercado. Desde então, as empresas de comunicação cuidam de fornecer programas para seus espectadores enquanto vendem a atenção do público a seus anunciantes.

Sempre que imperou sem peias, esse modo de organização causou danos políticos e culturais. O sistema "híbrido" de televisão [na Alemanha] é uma tentativa de remediar o mal.

E as leis locais, as decisões de tribunais federais e os princípios de programação das emissoras públicas refletem a noção de que as mídias eletrônicas não devem satisfazer apenas as necessidades mais comercializáveis dos consumidores.

Ouvintes e espectadores não são apenas consumidores mas também cidadãos com direito à participação cultural, à observação da vida política e à voz na formação de opinião.

Com base nesses direitos, não é o caso de deixar programas voltados a tais necessidades fundamentais da população à mercê da conveniência publicitária ou do apoio de patrocinadores.

Mais ainda, as taxas que financiam esses serviços também não devem variar ao sabor dos orçamentos locais, isto é, da conjuntura econômica -é o que argumentam algumas emissoras num processo contra os governos locais, em trâmite no Supremo Tribunal Federal alemão.

A idéia de uma reserva pública voltada para a mídia eletrônica pode ser interessante.

Mas algo assim poderia servir de modelo para a organização de jornais e revistas "sérios", como o "Süddeutsche Zeitung" ou o "Frankfurter Allgemeine Zeitung", "Die Zeit" ou "Der Spiegel", para não falar das revistas mensais mais ambiciosas?

Efeito político

O resultado de um estudo sobre fluxos de comunicação pode ter interesse nesse contexto: ao menos no âmbito da comunicação política -ou seja, para o leitor enquanto cidadão-, a imprensa de qualidade desempenha um papel de "liderança": o noticiário político do rádio e da televisão depende em larga escala dos temas e das contribuições provenientes do jornalismo "argumentativo".

Suponhamos que uma dessas redações caia nas mãos de investidores que trabalham com lucros rápidos e prazos curtos: a reestruturação e o engugamento nesses lugares estratégicos não tardarão a pôr em risco os padrões jornalísticos e a afetar em cheio a vida política.

Pois a comunicação pública perde vitalidade discursiva quando lhe falta informação fundamentada ou discussão vivaz, coisas que não se obtêm sem custos.

A esfera pública não teria mais como opor resistência às tendências populistas e não seria mais capaz de desempenhar funções que lhe cabem no quadro de um Estado democrático de Direito.

Vivemos em sociedades pluralistas. O processo de decisão democrático só pode ultrapassar as cisões profundas entre visões de mundo opostas se houver algum vínculo legitimador aos olhos de todos os cidadãos.

O processo de decisão deve conjugar inclusão (isto é, a participação universal em pé de igualdade) e condução discursiva do conflito de opiniões.

Pois tão-somente a discussão deliberativa fundamenta a suposição de que, no longo prazo, os processos democráticos propiciam resultados mais ou menos racionais.

A formação de opinião por via democrática tem uma dimensão epistêmica, uma vez que envolve a crítica de afirmações e juízos errôneos.

Esse é o papel de uma esfera pública dotada de vitalidade discursiva.

Esse papel se evidencia intuitivamente tão logo se tenha em mente a diferença entre o conflito público de opiniões concorrentes e a divulgação de pesquisas de opinião.

Opiniões que se formam por meio de discussão e polêmica são, a despeito de toda dissonância, filtradas por informações e argumentos, enquanto as pesquisas de opinião apenas invocam opiniões latentes em estado bruto ou inerte.

Mediação

É claro que os fluxos díspares de comunicação numa esfera pública dominada pelos meios de comunicação de massa não permitem o tipo de discussão ou consulta regrada que tem lugar em tribunais ou sessões

parlamentares.

Mas isso também não é necessário, pois a esfera pública é apenas um dos elos relevantes: ela faz as vezes de mediação entre discursos e discussões nos foros do Estado, de um lado, e as conversas episódicas ou informais de eleitores potenciais, de outro.

A esfera pública dá sua contribuição à legitimação democrática da ação estatal ao selecionar temas de relevância política, elabora-os polemicamente e os vincula a correntes de opinião divergentes.

Por essa via, a comunicação pública estimula e orienta a formação da opinião e do voto, ao mesmo tempo em que exige transparência e prontidão do sistema político.

Sem o impulso de uma imprensa voltada à formação de opinião, capaz de fornecer informação confiável e comentário preciso, a esfera pública não tem como produzir essa energia.

Quando se trata de gás, eletricidade ou água, o Estado tem a obrigação de prover as necessidades energéticas da população.

Por que não seria igualmente obrigado a prover essa outra espécie de "energia", sem a qual o próprio Estado democrático pode acabar avariado?

O Estado não comete nenhuma "falha sistêmica" quando intervém em casos específicos para tentar preservar esse bem público que é a imprensa de qualidade.

Melhores resultados

O problema é apenas de ordem pragmática: como se alcançam os melhores resultados?

Em certo momento, o governo [do Estado] de Hessen concedeu ao jornal "Frankfurter Rundschau" um crédito subsidiado -sem sucesso. Mas as subvenções diretas são apenas um dos meios disponíveis.

Outros caminhos são as fundações com participação pública ou a renúncia fiscal para famílias envolvidas no ramo.

Nenhuma dessas soluções está livre de problemas. E ainda é preciso aclimatar a idéia de subvenções a jornais e revistas.

Em termos históricos, a idéia de regular o mercado da imprensa tem alguma coisa de contra-intuitivo. Afinal, o mercado foi outrora o cenário em que idéias subversivas puderam se emancipar da repressão estatal.

Mas o mercado só é capaz de desempenhar essa função se as determinações econômicas não penetrarem nos poros dos conteúdos culturais e políticos dispersos no mercado.

Agora, como antes, a crítica adorniana da indústria cultural constitui o ponto central. A observação cética é indispensável, pois nenhuma democracia pode se dar ao luxo de uma falha de mercado nesse setor.

JÜRGEN HABERMAS (1929) é um dos principais filósofos e sociólogos vivos. Colaborou entre 1955 e 1959 com Adorno e Horkheimer no Instituto de Pesquisa Social, em Frankfurt, e lecionou nas universidades de Heidelberg e de Frankfurt. Entre suas obras de maior impacto traduzidas para o português estão "Mudança Estrutural na Esfera Pública", "Direito e Democracia" e "Consciência Moral e Agir Comunicativo" (Tempo Brasileiro). Este texto foi publicado originalmente no jornal alemão "Süddeutsche Zeitung". Tradução de Samuel Titan Jr.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

29/05/2007 // Concurso com salário pequeno para trabalho tão pesado



Câmara dos Deputados reabre concurso

Do Coletiva Net

A Câmara dos Deputados lançou novo edital, em substituição ao publicado em janeiro, para preenchimento de vagas em seu quadro de pessoal. Dentre as vagas, há 12 para técnicos em Comunicação Social. Três delas são na área de Divulgação Institucional, para a qual é exigido diploma com habilitação em Publicidade e Propaganda ou Propaganda e Marketing; cinco, em Relações Públicas; e uma, para cada um dos seguintes setores: Rádio, Televisão e Imprensa Escrita, para os quais é exigido diploma em Jornalismo; e Audiovisual, que pede profissional graduado em Audiovisual, Rádio, Televisão ou Cinema.

As funções estabelecidas estão sujeitas a carga horária de 40 horas semanais e o salário oferecido é de R\$ 9.008,12. As inscrições podem ser feitas através do site www.concursosfcc.com.br, entre 11 e 21 de junho, ou nas agências credenciadas da Caixa Econômica Federal, até 22 de junho, em seus respectivos horários de expediente. O valor da taxa de inscrição é de R\$ 123.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

29/05/2007 // Com a palavra, Mino Carta



28/05/2007 17:35

A RCTV, lá e cá

A mídia nativa elegeu Hugo Chávez como o perigo público número 1, secundado por Evo Morales. Hoje leio na Folha de S.Paulo farto material assinado por Fabiano Maissonave sobre o fim da concessão da RCTV, maior emissora de televisão da Venezuela, determinado pelo presidente Chávez. Informa o jornal que com o encerramento das atividades da RCTV, não haverá mais crítica pela tevê ao governo de Caracas. Permite-me observar que a palavra crítica soa como muito tolerante em relação à emissora e distante da verdade factual. Dentro da RCTV foi tramado o golpe de Estado que em 2002 manteve afastado Chávez do poder por dois dias, e por pouco não o assassinou. Ali mesmo, nos estúdios da emissora, os representantes da oligarquia reuniram-se para urdir o plano de típico sabor latino-americano, a contar com o apuro da mídia em geral e quatro estrelas de quepes imensos. Concessões de canais são da competência do Estado, conforme a Constituição venezuelana. Quanto à liberdade de expressão e ao exercício da crítica, há notável diferença entre a defesa destes direitos democráticos e o inextinguível propósito de conspirar contra o Estado de Direito. Aliás, observo certo parentesco entre a mídia de lá e de cá.

enviada por mino

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

28/05/2007 // Uma imagem e uma idéia para uma bela semana



483. Inimigos da verdade - Convicções são inimigos da verdade mais perigosos que a mentira - Friedrich Nietzsche - Humano, demasiado humano

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

27/05/2007 // Huguinho cometerá crime de lesa-pátria inadmissível



Chávez vai parar a novela no meio na Venezuela.
Público diário da novela é estimado em 3 milhões de pessoas.
Se TV fechar, a novela não terá fim.

Do site G1

Para boa parte dos venezuelanos, o fechamento da RCTV representa um problema que parece ser bem maior do que a tão falada falta de liberdade de expressão no país: significa que a novela mais famosa da Venezuela, "Mi Prima Ciela", não terá um final feliz. Na verdade, não terá nenhum final, caso a decisão do presidente Hugo Chávez de não renovar a licença do canal seja conduzida neste domingo, como previsto.

Com um público diário estimado em 3 milhões de pessoas, a novela é um dos maiores sucessos do país. Tanto é assim que, aproveitando o grande êxito do programa, a RCTV colocou no ar uma campanha publicitária na qual os venezuelanos pedem ao presidente Hugo Chávez "que ele deixe minha novela em paz".

O "culebrón", como são conhecidos os típicos dramalhões latino-americanos, conta a história de 3 jovens estudantes que se apaixonam e curtem o amor, cada uma a sua maneira.

Uma delas, Graciela, é a favorita do público porque é uma moça "de muito bom coração" que sofre de uma grave doença. Um jovem mulherengo, David, não resiste aos encantos dela e tenta de todas as formas mudar sua vida para se dedicar exclusivamente ao amor da encantadora Graciela.

Acostumados com finais tristes, românticos e, principalmente, felizes, os venezuelanos terão de se preparar para um final mais parecido com a vida real, onde as histórias nem sempre acabam bem. Ou parecem mesmo não ter fim.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

27/05/2007 // Direto de Caracas



Este domingo de gran expectativa, RCTV presentará a Venezuela "Un amigo es para siempre", programa que durante 18 horas continuas revivirá los mejores momentos que nos han acompañado durante 53 años de historia contado por sus propios protagonistas.

Durante todo el día camarógrafos, vestuaristas, maquilladores, talento artístico e invitados especiales, llenarán la sede de nuestro canal.

"Un amigo es para siempre" comenzará con la transmisión de noticias que hicieron historia, entrevistas emblemáticas, además de reportajes que dirán una vez más la realidad que se vive en el país.

En horas de la tarde, los televidentes podrán disfrutar de una exquisita programación llena de todos los colores y sabores del entretenimiento.

Valentina Quintero nos hará revivir los mejores recorridos y travesías de playas, montañas, posadas, ríos y lugares paradisíacos de nuestra afortunada geografía, que han hecho de "Bitácora" el programa turístico por excelencia.

Los animadores preferidos de la farándula nos darán uno que otro chismecito caliente para mantenernos siempre en el Top de los comentarios que van "De Boca en Boca" en el mundo del espectáculo.

En cuanto a las producciones dramáticas que nos han enamorado, viviremos "La Magia del Amor", un especial que recopilará las historias más conmovedoras de las telenovelas, contado de la mano de los mismos actores. Para finalizar la tarde, se harán presentes el humor y las carcajadas que nos brindan los talentos de "Radio Rochela".

Al entrar la noche, viviremos todo un espectáculo de talentos y estrellas invitadas que nos harán recordar momentos inolvidables del entretenimiento, con música, bailes, concursos y mucho más.

Para cerrar con broche de oro, Radio Caracas Televisión le dice una vez más a Venezuela que tenemos "Un Corazón que Grita" y demostrar que pase lo que pase "Un amigo es para siempre".

o Comentarios para este tópico

- Comentar este tópico

26/05/2007 // Estudo aponta aumento da censura na Internet

BBC Brasil - Liberdade de Expressão

O nível de censura estatal na internet está crescendo ao redor do mundo, de acordo com um estudo sobre os chamados filtros de internet divulgado nesta sexta-feira pela organização Open Net Initiative. A pesquisa examinou milhares de páginas na internet em 120 provedores e descobriu provas de filtragem de conteúdo em 25 dos 41 países pesquisados.

A Open Net Initiative afirma que páginas e serviços como Skype e Google Maps foram bloqueados em boa parte dos países. Um dos pesquisadores afirmou que os 'filtros ordenados por Estados' eram encontrados em apenas 'alguns' países em 2002. 'Em cinco anos, fomos de alguns países fazendo a filtragem na internet para 25', diz John Palfrey, diretor-executivo do Centro Berkman para Internet e Sociedade. Também ocorreu um aumento na escala, área de atuação e sofisticação dos filtros na internet', acrescentou Palfrey em uma palestra na Escola de Direito de Harvard, nos Estados Unidos.

Grupos de pesquisa

A Open Net Initiative (ONI) é formada por grupos de pesquisas das universidades de Toronto, Harvard, Oxford e Cambridge. O grupo escolheu 41 países em que os testes poderiam ser feitos de forma segura e onde 'havia mais a aprender sobre a vigilância governamental online'. De acordo com a entidade, muitos países, incluindo membros da União Européia e o Estados Unidos, não foram testados porque o setor privado, e não o governo, é que faz a filtragem nesses locais.

Segundo o estudo, os países que executam a mais variada linha de filtros de conteúdo são Mianmar, Irã, Paquistão, Arábia Saudita, Síria, Tunísia, Emirados Árabes Unidos e Iêmen. 'Em um crescente número de países no mundo todo, a filtragem na internet tem grandes implicações em relação a como os cidadãos estarão conectados a eventos ocorrendo à sua volta, às suas culturas e outras culturas e ao conhecimento dividido pelo mundo todo', afirma o relatório.

Jonathan Zittrain, professor de Governança da Internet na Universidade de Oxford, diz que a organização também está tentando descobrir como as pessoas tentam contornar os filtros. 'É difícil determinar a quantidade de pessoas fazendo isso. Na medida em que progredimos a cada ano, queremos ver se algumas dessas tecnologias para contornar os filtros ficam mais parecidas com aparelhos que basta ligar e já funcionam', conta o pesquisador.

'O que é lamentável a respeito dos filtros de conteúdo na internet é que ocorrem quase sempre nas sombras. Não há lugar para dar uma resposta do governo a um cidadão a respeito de como eles estão filtrando e o que está sendo filtrado', acrescenta Zittrain.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

25/05/2007 // Recadinhos do Carlinhos para o Huguinho e o Luizinho



“Por que um sistema de Estado imperfeito exigiria uma imprensa perfeita?”

“Mas a censura nem sequer é um bom médico, que experimenta diversos remédios segundo for a doença. É apenas um cirurgião provinciano que só conhece um remédio mecânico e universal para tudo – as tesouras. E nem sequer é um médico que tem como objetivo a saúde; é um cirurgião esteta que considera supérfluo no corpo tudo aquilo que ele não gosta, que o irrita ou lhe causa repugnância.”

Karl Marx - Debates sobre a Lei de Imprensa e Comunicação – realizado em Düsseldorf, em 1841, e publicado no ano seguinte no Rheinische Zeitung.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

25/05/2007 // Seleção de professor para a Unicamp

EDITAL

A Universidade Estadual de Campinas, através da Secretaria Geral torna pública a abertura de inscrições para o processo seletivo de provas e títulos, para preenchimento de 01 (uma) função de Professor Doutor, nível MS-3 em RTP, na Parte Especial do Quadro Docente da UNICAMP, pelo prazo de 03 (três) anos na área de Multimeios e Artes na disciplina CS 302 - História da TV e do Vídeo do Departamento de Multimeios, Mídia e Comunicação, do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

<http://www.sg.unicamp.br/procsel/pdf/17P272682004.pdf>> Edital

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

25/05/2007 // Concurso para jornalista na REFAP

A Refap (Refinaria Alberto Pasqualini), em Canoas (RS), abriu concurso público para formação de cadastro-reserva, com vagas para jornalista. O cargo 'Profissional em Comunicação Social Júnior' conta com salário básico de R\$ 3.119,22. As inscrições podem ser realizadas até 8 de junho nas Agências dos Correios credenciadas ou pelo site www.cesgranrio.org.br, ao custo de R\$ 39. As provas acontecem no dia 8 de julho.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

25/05/2007 // Curso de Jornalismo Aplicado do Estadão

XVII Curso de Jornalismo Aplicado

Inscrições para prova de seleção

Até 01 de julho

Podem se inscrever jornalistas formados até dois anos antes de sua realização ou alunos do último ano ou semestre das escolas de jornalismo de todo o Brasil.

www.estadao.com.br/talentos/talentos2007

Prova de seleção - 05 de agosto

Divulgação dos 60 pré classificados - 19 de agosto

Entrevistas - 21 - 22 - 23 de agosto

Divulgação dos 30 selecionados para o curso -
26 de agosto

Curso - de 03 de setembro a 07 de dezembro

Fone: (011) 3856-2187

Fax: (011) 3856-2882

e-mail: foca@grupoestado.com.br

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

24/05/2007 // Boi na linha - 2

Resposta do jornalista Cláudio Humberto:

Verdade seja dita

Peço licença para esta nota na primeira pessoa, tendo em vista a publicação de matéria, hoje, envolvendo o nome do colunista.

A reputação de Zuleido Veras e da construtora Gautama não dificultou sua contratação, pela Polícia Federal, para realizar obras de vulto em suas dependências. Esse exemplo dá a medida do conceito desfrutado por Veras até que a sociedade conhecesse a Operação Navalha.

Ao descobrir o esquema, a PF cumpriu o dever de denunciar o empresário e demais suspeitos. Esta coluna cumpre o dever de noticiar o fato com o desassombro habitual e absoluta isenção.

A gravidade do escândalo, porém, não pode servir de pretexto para colocar sob suspeita inclusive aqueles com quem Veras manteve relacionamento profissional ou pessoal correto.

Além disso, é necessário destacar bem: o que está em causa é um gravíssimo esquema, denunciado pela PF, de fraude em licitações públicas e de suborno a agentes públicos (servidores graduados e parlamentares). E não uma caça injusta a todos com quem seu principal personagem se relacionava.

Do mesmo modo que a credibilidade empresarial de Zuleido Veras o levou a ser aceito sem restrições, realizando obras para organismos respeitáveis, inclusive públicos, ele se tornou fonte de muitos jornalistas. Eu fui um deles. Jornalista não briga contra a notícia, nem pede atestado de santidade a suas fontes; exige apenas que a notícia seja relevante e verdadeira.

Assim como Veras me telefonou para agradecer uma notícia que eventualmente o agradou, houve momentos em que reclamou de outras que contrariaram seus interesses.

Para mim, não importa se a notícia agrada ou desagrada; importa, sim, que seja verdadeira. A nota que publiquei, referida no telefonema grampeado, jamais foi desmentida.

São comuns na rotina de qualquer jornalista, sobretudo independentes, elogios, queixas e até processos. Não por acaso, há entre os presos da Operação Navalha quem me processe na Justiça, exatamente porque denunciei suas malfeitorias.

Lamento a transcrição pública de uma conversa privada, em meio a notícias outras, sobre pessoas e dinheiro públicos, como se houvesse ligação entre os dois fatos.

As notícias exclusivas e os furos construíram a reputação desta coluna, iniciada há nove anos e hoje reproduzida em 36 jornais de 25 Estados, que totalizam mais três milhões de exemplares. E o acesso médio mensal a este site, em 2006, foi de 3,5 milhões de visitantes únicos. Nada disso seria possível sem a credibilidade e a importância que este espaço jornalístico adquiriu ao longo desse tempo. O melhor juiz é o leitor, único destinatário das informações aqui publicadas - boa parte com absoluta exclusividade, o que explica alguns ressentimentos.

Ao tempo em que agradeço as inúmeras mensagens de confiança e até de afeto, reitero o compromisso da coluna com a verdade. Sempre.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

24/05/2007 // Boi na linha - 1

O Globo, de ontem

Gravações mostram empresário agradecendo nota publicada por Cláudio Humberto; jornalista nega acordo

Evandro Éboli

BRASÍLIA. Discrição não era o forte do empreiteiro Zuleido Veras, lobista e pagador de propina de sua empresa. Ele mantinha contato direto com políticos, visitava ministérios, participava de almoços e solenidades de assinatura de convênios com prefeituras. O empresário comandava as negociatas e, apesar de demonstrar certo receio de ser grampeado, não media as palavras em telefonemas. A interceptação telefônica da PF mostra que Zuleido tinha desenvoltura até para 'plantar' notícias contra seus desafetos.

Foi o que fez contra seu ex-sócio Latif Abud, com quem brigou. A disputa pelo contrato de uma obra em Brasília foi parar no Tribunal de Contas da União. O jornalista e porta-voz do governo Fernando Collor, Cláudio Humberto, que hoje é colunista e tem um site informativo, publicou nota contrária a Latif e favorável a Zuleido. A nota, de 7 de julho de 2006, dizia que a movimentação de Latif estava incomodando e que o tribunal até pensava em vetar sua entrada no prédio. Zuleido ligou no mesmo dia para o jornalista e agradeceu. Em seguida, ligou para Maria de Fátima Palmeira, diretora da Gautama, e afirmou:

— A nota tá dentro daquilo que a gente acertou.

Cláudio Humberto disse ontem que Zuleido é sua fonte. Ele afirmou que foi um ministro do TCU quem passou a informação sobre Latif e que o único interesse em publicar a notícia foi jornalístico:

— Para o jornalista não importa se a notícia desagrade ou não a quem quer que seja. Importa que seja verdadeira. Nesse caso, não houve desmentido. É comum, na rotina de Brasília, pessoas ligarem para agradecer ou criticar notas. Não posso controlar bravatas que falam por aí em telefonemas.

Nas conversas com diretores da Gautama, Zuleido é chamado de "chefe". Propina é tratada como "agrado a eles". E negociata é batizada de "missão". Num diálogo com seu irmão Dimas Veras, ao tratar do programa Luz Para Todos, Zuleido diz:

— Vê se faz aí uns cinco milhões.

A linguagem do diálogo da turma da Gautama é bem próxima de conversas entre integrantes de quadrilha. Em março de 2007, Zuleido fala com um interlocutor da dificuldade de fechar um negócio no Maranhão.

— Não consegui enquadrá-lo — disse ele, sobre Alexandre Lago, sobrinho do governador do Maranhão, Jackson Lago.

Nas suas conversas, é comum Zuleido usar a expressão "pode mandar bala", quando autoriza que algo seja feito, como no caso do pagamento do frete do avião para levar o senador Delcídio Amaral (PT-MS) ao enterro do sogro.

Zuleido Veras liga para o jornalista Cláudio Humberto em 7 de julho de 2006 para agradecer a publicação de uma nota em sua coluna que o favorece.

Zuleido: Cláudio?

Humberto: É.

Zuleido: Parabéns, tá?

Humberto: Ficou bom?

Zuleido: Muito bom.

Humberto: Você não imagina a choradeira, viu?

Zuleido: Foi (risos).

Humberto: Rapaz, mas foi pela madrugada.

Zuleido: A hora que bateu na internet, foi?

Humberto: Foi. Rapaz, a coisa é mais grave. O cara tá lá comprando ministros, foi expulso de uma sala. Eu dei a coisa mais amena possível.

Zuleido: Aquela frase final foi terrível.

Humberto: É bom porque constrange, né?

Zuleido: Tá bom, meu amigo. Parabéns, obrigado.

Humberto: Às suas ordens, viu?

Zuleido fala com o irmão Dimas Veras, em 12 de março deste ano, sobre o programa Luz para Todos:

Zuleido: Vê se faz aí uns cinco milhões do Luz para Todos.

Dimas: Vou tentar.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

22/05/2007 // E aqui no Brasil...



Os "pais" da Conferência Nacional de Comunicação

Por Venício A. de Lima - em 22/5/2007, no Observatório da Imprensa

A ausência do ministro das Comunicações foi o fato mais eloqüente do I Fórum Nacional de TVs Públicas, realizado recentemente em Brasília. Tanto na cerimônia de abertura – que contou com a presença dos ministros da Cultura, da Educação, da Secretaria Geral e da Secretaria de Comunicação Social, além dos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal – como na de encerramento, da qual participou o próprio presidente da República. O ministro das Comunicações, além de não estar presente, sequer foi mencionado por qualquer dos oradores.

O mesmo aconteceu ao longo das mesas, painéis, exposições e debates. Quando um funcionário do Ministério das Comunicações, fisicamente presente, participava do debate, era notória uma certa falta de sintonia com o "clima" geral dominante no evento.

O fato é, sem dúvida, de um surrealismo tipicamente brasileiro: o ministro das Comunicações, e o seu ministério, ausentes ou sem sintonia no Fórum Nacional que discute – com o apoio e a presença do presidente da República – a implantação de uma rede de televisão pública no país.

Marco regulatório

Um dos temas obviamente tratados durante o I Fórum Nacional de TVs Públicas foi o seu marco regulatório. A criação de uma rede de televisão pública envolve, no mínimo, uma análise sobre a regulação da radiodifusão no país. Não há como fugir da evidência de que uma lei geral de comunicação eletrônica de massa é inadiável e que a construção de um marco regulatório deve contemplar a convergência tecnológica dentro dos princípios definidos na Constituição de 1988, inclusive o da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal. A própria Carta de Brasília, documento final do Fórum, recomenda "a regulamentação da Constituição Federal em seu capítulo sobre Comunicação Social, especificamente os artigos 220, 221 e 223". A reivindicação histórica dos movimentos sociais comprometidos com a democratização da comunicação no país é que a construção desse marco regulatório para a radiodifusão brasileira – privada, pública e estatal – se faça por intermédio de uma ampla e democrática Conferência Nacional de Comunicação, a exemplo do que já se fez em outras áreas de políticas públicas, como a saúde e a educação.

Foi neste contexto que, no dia 15 de maio – apenas três dias após o encerramento do Fórum (ao qual não compareceu) – o ministro das Comunicações repetiu o mesmo procedimento que já havia adotado ao anunciar uma TV do Executivo, ignorando e atropelando toda a articulação que estava em andamento em torno da construção de uma rede pública de televisão.

Agora ele anunciou que "o governo" realizará, na segunda semana de agosto, "uma grande conferência de comunicação" com o propósito de discutir as leis que regem a comunicação no Brasil, incluindo a revisão do marco regulatório do setor. "Essa conferência é o fórum de que precisamos para fazer esse grande debate", disse. Informou ainda que a conferência será realizada em conjunto com a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, a Agência Nacional de Telecomunicações e a Universidade de Brasília.

Jogo de interesses

A questão fundamental que fica após o anúncio do ministro das Comunicações é: qual Conferência Nacional de Comunicação será essa?

Um debate plural e democrático, de baixo para cima, envolvendo amplos setores da sociedade civil organizada nos municípios, regiões, estados, com a realização de conferências estaduais e regionais preparatórias, culminando com um encontro deliberativo nacional? Ou um encontro dos principais players, experts e técnicos do governo para legitimar uma proposta previamente negociada de marco regulatório? É de se esperar que o ministro das Comunicações inclua na organização da Conferência que anunciou – além dos setores que há décadas defendem a necessidade de realização de uma Conferência Nacional de Comunicação democrática –, por exemplo, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Essa Comissão, com o apoio e envolvimento de cerca de 50 entidades, está articulando, desde o início do

ano, um Encontro Nacional de Comunicação, Direitos Humanos e Democracia, previsto para acontecer em junho próximo, como etapa preparatória de uma Conferência Nacional de Comunicação.

Na verdade, o observador atento ao cenário das comunicações não deve se deixar surpreender por anúncios como o que agora foi feito pelo ministro das Comunicações.

Em tempos de convergência digital, entrada de novos e poderosos atores no mercado e redefinição de modelos de negócio, o anúncio, em maio, da realização, em agosto, de uma Conferência Nacional de Comunicação – seja lá o que essa conferência venha a ser – é, certamente, apenas mais um "movimento" no pesado jogo de interesses que se desenrola para a definição do futuro próximo das comunicações no país.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

22/05/2007 // Enquanto isso, na Venezuela...



Ato de juramento na nomeação, ontem, da diretoria da Televisora Venezolana Social, empresa estatal criada para ocupar o espaço na próxima segunda-feira do canal privado RCTV

Matéria da Agencia Bolivariana de Noticias

Con grandes expectativas, Venezuela recibirá el próximo lunes 28 de mayo a la nueva estación Televisora Venezolana Social (Teves), la cual saldrá al aire en la señal del canal 2, que hoy ocupa Radio Caracas Televisión (RCTV), con el compromiso de convertirse en un espacio para la producción nacional independiente (PNI).

Teves, concebida bajo la figura de canal de servicio público, comenzará sus funciones cerca de las 12:10 de la madrugada del día 28, minutos después del cese de la concesión de RCTV, según informó el ministro del Poder Popular para las Telecomunicaciones y la Informática, Jesse Chacón.

Según el decreto 5.349, publicado en la Gaceta Oficial número 38.681, del viernes 11 de mayo de 2007, Teves tendrá por objetivo el uso, aprovechamiento y administración de una concesión de señal de televisión abierta, en frecuencia VHF y sus respectivas habilitaciones administrativas, otorgadas con el amparo de la Ley Orgánica de Telecomunicaciones.

La Gaceta Oficial puntualizó que Teves será sólo un medio de transmisión; por tanto, no se encargará de la producción o generación de contenido audiovisual.

En tal sentido, explicó el ministro Chacón, que la televisión de servicio público es un modelo de producción nacido y cultivado en Europa, en el cual, a pesar de que la señal del canal pertenece al Estado, la programación es realizada por productores nacionales independientes, con total libertad y sin línea editorial.

«Teves marcará un hito, no sólo en Venezuela, sino en América Latina», enfatizó Chacón este viernes.

El contenido

Unos de los directivos de la Asociación de Productores Nacionales Independientes (Aproni), Arley La Rotta, comentó que Teves será principalmente un canal de entretenimiento; sin embargo, tendrá como premisa la siembra de valores morales.

Telenovelas, seriadados, programas de humor, noticias y deportes son los géneros contemplados por Teves, que «será un canal normal y corriente», enfatizó La Rotta.

La Rotta explicó que Teves tendrá, tal como lo establece la legislación, un período de prueba mínimo de tres meses, y su cobertura nacional se llevará a cabo progresivamente. «Una vez que esté en su máxima capacidad cubrirá más territorio que la anterior RCTV», dijo.

Igualmente, el canal saldrá inicialmente durante siete horas al día, y conforme a su avance, su desarrollo trabajará hasta cubrir las 24 horas por jornada.

Según este productor, involucrado en el proyecto fundacional del canal, ya están en proceso de realización varios programas de la parrilla de programación de Teves, y próximamente se iniciará el rodaje de una telenovela de corte venezolanista que se espera llegue a la pantalla en ocho meses.

Los niños también tendrán especial participación en Teves, aseguró la directora de Políticas Públicas del Ministerio del Poder Popular para la Comunicación y la Información (Minci), Luisana Colomine, en una entrevista difundida por esa cartera en su página web.

«Con relación a la programación infantil, nos enorgullece que gran porcentaje de esa producción es hecha en Venezuela, se trata de productores nacionales independientes que han venido haciendo su trabajo y no han tenido dónde mostrarlo. Ahora sí tendrán su espacio seguro», manifestó Colomine.

Asimismo, dijo Colomine: «Habrá programas humorísticos y de deporte. Tendremos una producción llamada Pilates, en la que se mostrará la vida de los deportistas, la formación del cuerpo humano, y en definitiva el deporte como hecho cultural y físico».

Colomine comentó que se difundirán las producciones realizadas por la Villa del Cine, así como biografías de venezolanos ilustres y programas juveniles.

«Conoceremos, por ejemplo, una biografía del maestro Luis Beltrán Prieto Figueroa o la vida de una luchadora social como Argelia Laya. También vamos a tener programas de ciencia, tecnología, música y otros dirigidos al público juvenil como una producción de Barquisimeto llamada Rock Crepuscular», puntualizó.

Igualmente, Colomine explicó que, para la primera fase de transmisiones, se está estudiando la adquisición de dos telenovelas colombianas, una argentina y otra peruana. Asimismo, las productoras Cinesa y Edumedia también han puesto a la orden sus producciones, y actualmente está en proyecto la realización de un noticiero.

«Estamos claros: no queremos un canal que reproduzca lo mismo que vemos en la televisión comercial y en la del Estado», sentenció Colomine.

Publicidad con respeto

En cuanto a la difusión de mensajes publicitarios, Teves contará con un criterio exigente. Así lo explicó la directora de Responsabilidad Social y Producción Nacional Independiente, María Alejandra Díaz, en declaraciones al diario El Mundo.

Díaz explicó que, a pesar de que el capital inicial de Teves provendrá del Estado, se espera realizar una rueda de negocios en octubre, a fin de buscar anunciantes privados para lograr financiamiento mixto.

Sin embargo, no cualquier tipo de mensaje publicitario podrá ser transmitido por Teves. «Será publicidad dirigida al ser humano, no al ser consumista», enfatizó La Rotta.

Es decir, la publicidad deberá cumplir con ciertos estándares éticos que no promuevan valores como el capitalismo, el consumismo, el egoísmo y el desdén e irrespeto hacia el cuerpo humano.

Por otro lado, el ministro Chacón explicó este jueves que sigue abierto el llamado a los actuales trabajadores de RCTV para que se integren a Teves. «El que quiera trabajar va a tener dónde hacerlo», dijo el ministro.

En tal sentido, La Rotta explicó que a estas alturas ya hay unos 400 empleados de RCTV que han manifestado su disposición para prestar servicios en Teves.

El ministro de Comunicación e Información, Willian Lara, manifestó este jueves que para los próximos días se espera el anuncio de la junta directiva del canal. Sin embargo, aseguró que en cuanto a los preparativos, «todo va viento en popa».

o Comentarios para este tópico

- Comentar este tópico

21/05/2007 // A Prova dos Nove



No rumo de Curitiba

Nesta semana, das duas uma: ou viro pingüim ou meteorologista. Na sexta-feira, no Jornal da Band, a apresentadora Mariana Ferrão mostrou a previsão do tempo para Curitiba no próximo fim de semana. Sexta-feira: -1. Sábado: -6. É, seis graus negativos. Tivesse eu delirado e visto mais 6. Mas não, enxerguei o sinal de negativo. Impressionou-me a indiferença da moça com os números. Nenhuma alteração na face. Nem a mínima contração muscular sinalizadora da dúvida. Nada. Muito menos o salutar comentário com os colegas Ricardo Boechat e Joelmir Beting: “Frio, né?”. Ou: “Minha nossa!, será de renguear cusco”. Talvez um “Estranho, muito estranho cair de um pra seis, pelo visto nevará”. Nada. Mariana estava convicta. Segura dos números da Southern Marine Weather Services, a Somar Meteorologia, prestadora deste serviço à Rede Bandeirantes, RBS e outras empresas de comunicação. Foi a minha primeira leitura. Depois me veio outra: ela sabe da falibilidade da informação e nem se sensibilizou. Mariana leu o capítulo 8, A informação no estágio meteorológico, do livro Tela Total, de Jean Baudrillard, editado pela Sulina. Lá diz, na página 60: “Lançada a informação, enquanto não for desmentida, será verossímil. E, salvo acidente favorável, nunca sofrerá desmentido em tempo real; restará, portanto, credível. Mesmo desmentida, não será nunca mais falsa, porque foi credível”. Então, veremos. Por precaução, adquiri uma máquina para a inevitável foto na neve. Eu e os pingüins. Aqueles ali de cima.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

21/05/2007 // Uma imagem e uma idéia para uma bela semana



Adivinhem de quem?

"E esse - interveio sentenciosamente o Diretor - é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social de que não podem escapar" - Admirável Mundo Novo - Aldous Huxley

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

18/05/2007 // 2 - Convite da China - A tradução



CONVITE

Excelentíssimo Senhor Álvaro Larangeira,

Convidamos sinceramente o prezado senhor a participar da banca de defesa da Zhang Fangfang, mestranda

da FAMECOS da PUCRGS - Brasil e, palestrar, ao mesmo tempo, no Seminário de Comunicação da América Latina, a ser realizado, entre os dias de 20 e 30 de julho de 2007, pela Faculdade de Comunicação Internacional da Universidade de Comunicação da China. O Seminário, tendo lugar na capital chinesa-- Beijing, convida os especialistas na área comunicacional da China e dos países latino-americanos para debater sobre as questões de realidade, desenvolvimento e futuro da Comunicação Latina Americana. Serão organizadas também algumas visitas às principais instituições do setor de imprensa chinesa, tais como CCTV, Rádio Internacional da China (CRI) e Agência Xinhua.

Aguardamo suas participações!

Faculdade de Comunicação Internacional da Universidade de Comunicação da China
20 de abril de 2007

1 Comentários para este tópico

20/05/2007 // Rosamaria Nunes

Porto Alegre - RS

Pra ver tanta beleza e conhecer o outro lado do mundo, os costumes, o povo, o resultado do regime político e o progresso, gostaria de ser uma mosquinha pousada no teu ombro!

- Comentar este tópico

17/05/2007 // 1 - Convite da China



邀请函

尊敬的Álvaro Larangeira先生:

诚挚地邀请您作为答辩委员会成员出席中国传媒大学国际传播学院葡语教师张方方的硕士毕业论文答辩，并参加由中国传媒大学国际传播学院主办的“拉美国家媒介学术研讨会”。该研讨会将于2007年7月20日-

30日在中国首都北京举行，研讨会将邀请拉美和中国的传媒界专家，就当今拉美传媒业的现状、发展和未来等

问题进行研讨，并组织参观中国中央电视台、中国国际广播电台、新华社等重要媒体单位。

真诚期待您的参与！

中国传媒大学国际传播学院

2007-04-20

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

16/05/2007 // Comunicação digital. Poros, pesquisa e desafios. Entrevista especial com Massimo Canevacci.

Matéria do Instituto Humanitas Unisinos

Na última semana, o antropólogo italiano Massimo Canevacci esteve na Unisinos para ministrar a aula-conferência intitulada "Audiovisualidades nas mídias e a porosidade da comunicação digital". A IHU On-Line aproveitou e conversou com Canevacci sobre múltiplas identidades, sobre a pesquisa em relação aos bororos e os vácuos na comunicação digital. Durante a entrevista, feita pessoalmente, Canevacci falou sobre seus planos de criar um etnólogo em Second Life e, ainda, sobre a importância da pesquisa acadêmica sobre comunicação digital.

Massimo Canevacci é professor de Antropologia Cultural do Departamento de Ciências Sociais e da Comunicação da Universidade La Sapienza de Roma e editor da revista Avatar. Canevacci já publicou vários trabalhos sobre a realidade brasileira. É autor de livros como: "Antropologia da Comunicação Visual" (DP&A Editora, 2001) e "Antropologia do Cinema" (Editora Brasiliense, 1990).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O senhor viaja bastante ao Brasil. Qual é a sua definição do País?

Massimo Canevacci - Posso dizer que aqui se faz uma política com a multiplicidade dos partidos. Por isso, é um tipo de política que não se organiza apenas no coração de um partido. Na verdade, eu gosto mais de um tipo de política que se desenvolve nos movimentos, na autonomia dos movimentos, seja individual, seja mais grupal. A reeleição do governo Lula tem elementos interessantes, pois há uma segunda chance para tentar realizar um programa que todo mundo esperava que fosse melhor. No geral, a política externa de Lula é ótima. A interna, no entanto, é discutível.

IHU On-Line - Quais os desafios e os "pontos altos" da pesquisa que o senhor fez sobre os bororos (1)?

Massimo Canevacci – Encontrei muitos desafios, porque antes já fiz pesquisas sobre os xavantes (2), que são tradicionalmente inimigos do bororo. Comecei quando um grupo de bororos chegou à faculdade em que trabalho, em Roma, com o objetivo de me oferecer um presente e me convidar para visitar a aldeia deles. Então, fui lá e iniciei a tentativa de entender uma cultura diferente da dos xavantes, pois esses são bravos, guerreiros muito fortes. Os bororos me convidaram para assistir a um funeral, o momento mais criativo e extraordinário de sua cultura. Na ocasião, morreu um mulher muito importante e me convidaram, coisa muito

rara, para assistir ao funeral. Então, fui a ele, o que foi um desafio muito forte para mim, uma experiência muito forte, única, e também dura, muito dura. E depois escrevi um livro que saiu na Itália há três meses atrás e espero que seja traduzido no Brasil.

Os pontos altos foram focalizar o que significa o conceito de morte numa cultura profundamente diferente da nossa. Isso se constitui, na verdade, num desafio. Agora não sei se exatamente consegui resolver esse desafio. Outro desafio foi que o antropólogo não pode interpretar outras culturas da maneira tradicional. E com os bororos também devemos ser assim, porque eles se auto-representam. Então, o desafio para mim da auto-representação é fundamental nesse sentido, porque a interpretação de uma cultura é uma tensão, um conflito entre o antropólogo e os pertencentes àquela cultura. Eu consegui fazer isso porque organizei um grupo de pessoas com três bororos que filmavam o mesmo ritual.

O funeral

Sobre a morte, o mais impressionante foi momento final. Estávamos todos dormindo no centro da aldeia, era noite de lua cheia e só um velho bororo estava cantando com som de maracá, com três mulheres sentadas fazendo contracanto. Eu fiquei olhando e escutando, mas fiquei impressionado porque ele continuava a cantar com uma força sempre maior, sempre mais forte e eu não entendi o motivo. Quando perguntei o motivo dessa força que vinha crescendo dentro dele, entendi que ele não estava sozinho, pois estavam ali todos os mortos bororos, de todos os tempos. Quando entendi isso, tive uma sensação muito estranha.

IHU On-Line - Para o senhor, quais são os “poros” que ainda podem ser preenchidos na Comunicação Digital do mundo? E do Brasil?

Massimo Canevacci - Na verdade, a questão da comunicação visual e digital sempre foi o assunto principal da minha pesquisa. Seja em relação a uma metrópole como São Paulo, seja na mudança tecnológica que justamente relaciona o corpo à tecnologia digital. Então, acho que a potencialidade de libertação que a cultura digital tinha, no início, agora é um pouco mais problemática, no sentido das possibilidades de desenvolver uma multiplicidade de “eus”. Afirmo isso porque na cultura digital, que é conectiva (3), não existe “nós”, e sim “eus”, à medida que cada pessoa pode desenvolvê-los no interior da própria subjetividade. Isso significa um desafio forte na tradição da identidade no sentido singular. Significa fazer uma transformação profunda de pluralizar não só um conceito, mas também uma maneira lógica, que não se deve apenas à linguagem, mas ao cotidiano também. Então, eu acho que essa possibilidade de pluralizar os “eus”, a linguagem, a identidade, as políticas, as culturas estão num momento muito difícil agora, pois há forças muito claras que estão tentando desestabelecer a ordem normativa do domínio de uma lógica e de uma política tradicional. Isso significa uma mudança profunda da política porque o contexto social favorece o sistema de mudança, e mais ainda o contexto comunicacional. Eu espero que a universidade possa favorecer um tipo de desenvolvimento da cultura digital em direção a uma libertação dos “eus”.

IHU On-Line – E como o senhor vê a pesquisa acadêmica em comunicação digital?

Massimo Canevacci - No momento, a minha sensação é a seguinte: a de que se utiliza, infelizmente, o instrumento, a metodologia tradicional para entender uma coisa que está destruindo a metodologia tradicional. Não dá para utilizar um conceito, uma teoria, método, um paradigma baseado sobre a cultura analógica para tentar organizar a cultura digital que é totalmente diferente. Nesse sentido, muitas pesquisas parecem querer enquadrar o que está acontecendo numa moldura do passado.

IHU On-Line – Como o senhor vê a passagem do mundo televisivo para o mundo digital, comparando países que já transformaram totalmente seu sinal de transmissão televisiva e países como o Brasil, que estão em processo de transformação?

Massimo Canevacci - Na Europa, fala-se, normalmente, de três níveis. O primeiro é relativo à TV tradicional

que nós chamamos de generalista, isto é, que tem telejornal, publicidade, filme, esporte, ou seja, uma televisão que organiza um palimpsesto (4). Este tipo de televisão, em grande parte, está em crise, mas me parece que no Brasil ainda vive bem. Depois nasceram, nos últimos anos, televisões especializadas em determinados temas, como esportes, filmes, arte, e isso é interessante mas, ao mesmo tempo, se aplica a um padrão tradicional. O terceiro tipo de televisão é o da televisão digital, nas quais a pluralização é fundamental porque o financiamento para desenvolver esse tipo de televisão no mundo é agora muito barato. Sob esse ponto de vista, a idéia de linguagem deve favorecer um tipo de comunicação transcultural (5). Nesse sentido, a televisão digital é a televisão que nunca mais unificará o público da televisão tradicional.

IHU On-Line - Como o senhor vê a etnografia em tempos tão "internéticos"?

Massimo Canevacci - Isso é interessante porque, por exemplo, a etnografia, que antes era um método da antropologia, agora virou um método que as ciências sociais podem utilizar. Na cultura digital, eu queria fazer o seguinte: Second Life (6) é um espaço digital onde você cria uma avatar (6), uma segunda, terceira identidade, e você pode experimentar um mundo paralelo, fazendo, desse modo, uma duplicação do mundo real. O desenvolvimento de Second Life é enorme, seja como experiência de signo das pessoas, seja como economia, pois está envolvendo muito dinheiro. Então, há muitos tipos de experiência, seja de design, seja musical, corporal e também sexual. Desse modo, a minha idéia, quando voltar a Roma, é criar um etnógrafo em Second Life para fazer pesquisa, a fim de ver o que acontece.

IHU On-Line - Como a cultura se renova em tempos de comunicação cada vez mais digital?

Massimo Canevacci - Aqui também eu queria pluralizar o conceito Inovação das culturas. Por exemplo, o indígena tinha dificuldade de utilizar a tecnologia analógica, era complexo, muito caro, e tinha uma necessidade de um contínuo ajuste. Agora a tecnologia digital favorece. Isso é extraordinário. É de uma grande importância para a cultura indígena, mas também para um tipo de juventude que, tradicionalmente, não gosta de ler e escrever e que pode desenvolver um tipo de linguagem, um tipo de cultura que é ligada à dimensão digital e assim desenvolver a leitura e a escrita com uma nova cultura. Por exemplo, um jovem de Porto Alegre pode fazer uma música, pode colocá-la no You Tube (8) etc. Se algumas pessoas gostarem, podem modificá-la, transformá-la, tornando-a um sucesso em Roma, Nova York ou Pequim, favorecendo um tipo de mobilidade extraordinária. Acho que este lado da cultura digital acaba incluindo um sujeito que tradicionalmente era excluído da produção de cultura, podendo agora produzir.

IHU On-Line - Quais são as contribuições que Adorno e Benjamin, filósofos que na nossa última entrevista o senhor estava pesquisando, oferecem para entender as culturas contemporâneas?

Massimo Canevacci - Essa é uma bela pergunta porque agora está saindo na Itália o meu livro, o qual espero que também seja traduzido no Brasil. Ele se chama "O estupor da facticidade". O conceito desenvolvido nele foi utilizado por Adorno (9) para criticar um tipo de método de Walter Benjamin. Neste método, Benjamin não conseguiu sair da facticidade do objeto da sua pesquisa, das coisas da sua pesquisa e da mercadoria da sua pesquisa. Facticidade unifica objeto, coisa e mercadoria. Adorno enviou, então, a Benjamin uma carta relatando o fato. Só que Benjamin responde a Adorno, em uma outra carta extraordinária, onde ele reivindica o estupor da facticidade como a filologia da sua metodologia, que é finalizada na destruição da dimensão fetichista da mercadoria. A partir disso, eu tentei utilizar um contexto bem diferente, justamente o da cultura digital. De qualquer modo, acho que esse tipo de discussão, no final dos anos 1930, entre Adorno e Benjamin, foi o momento alto da reflexão não somente filosófica como também comunicacional e política. Então, eu tentei aplicar o estupor que a publicidade, a metrópole, a arquitetura, o design, a arte e o corpo trazem na comunicação contemporânea. E, graças a esse estupor, tento entrar no corpo disso para tentar continuar a destruir as novas formas de fetichismo.

Notas:

(1) bororos: Os Bororos são uma tribo indígena brasileira do estado do Mato Grosso e também é o nome da língua falada por essa tribo. Seu tronco linguístico é o Macro-Jê, autodenominada Boe. Os Bororo também são conhecidos pelos nomes de "Coroados" ou "Parrudos". Sua população atualmente é de cerca de 2000 indivíduos, que são tradicionalmente caçadores e coletores, porém adaptaram-se à agricultura, da qual extraem sua subsistência.

(2) Xavantes: Os Xavantes são um grupo indígena que habita o Leste do estado brasileiro do Mato Grosso, mais precisamente nas Reservas Indígenas Areões, Marechal Rondon, Parabubure, Pimentel Barbosa, São Marcos, bem como o Noroeste de Goiás, nas Colônias Indígenas Carretão I e Carretão II. Atualmente, sua população é composta de 7.100 pessoas. Sua língua é a "A'uwen", do tronco linguístico Macro-Jê e têm como atividade predominante a caça, a pesca e a coleta de frutos e palmeiras.

(3) conectiva: que conecta.

(4) palimpsesto: pergaminho manuscrito medieval em que, por raspagem, se fez desaparecer a primeira escrita para nele escrever de novo, mas do qual, por vezes, se tem conseguido fazer reaparecer, por processos químicos, os caracteres do texto primitivo.

(5) transcultural: diversas culturas.

(6) Second Life: Segunda vida. Uma forma de socialização via internet que tende a extrapolar os limites do real, criando uma nova realidade.

(7) avatar: No Hinduísmo, um avatar é uma manifestação corporal de um ser imortal, por vezes até do Ser Supremo. Muitos não-hindus, por extensão, usam o termo para denotar as encarnações de Deus em outras religiões, como Buda ou Jesus Cristo. Em informática, avatar é a representação gráfica de um utilizador em realidade virtual. De acordo com a tecnologia, pode variar desde um sofisticado modelo 3D até uma simples imagem.

(8) You Tube: é um site na internet que permite que seus usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital.

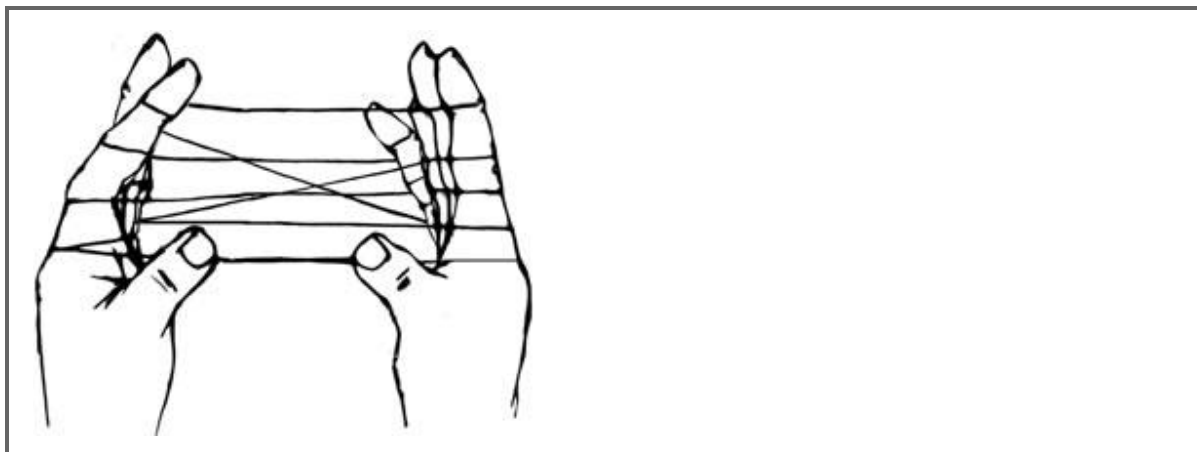
(9) Adorno: foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. Foi membro da Escola de Frankfurt juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas e outros.

(10) Benjamin: foi um crítico literário e ensaísta alemão. Foi refugiado judeu alemão. Diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, escolheu o suicídio.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico

16/05/2007 // Paisagem mental dos estudantes de jornalismo



Matéria de Marcos Zibordi, na Caros amigos - edição 121 - abril 2007 - Ilustração: Aliedo

TRECHO 1

Durante dois meses penei com a espinhosa pauta – vasculhar a mentalidade dos futuros jornalistas. Seria reportagem de fôlego em parceria com Marina Amaral, editora executiva de Caros Amigos, que buscaria, nas redações e entre os profissionais, histórias para compor um quadro descrevendo desde a formação universitária até o cotidiano das empresas, incluindo os cursos de adestramento intermediários entre a obtenção do diploma e o registro em carteira, entre outras excrescências.

Penei por vários motivos. Primeiro, que a dupla de repórteres durou pouco. Marina, atribulada com esta e outras pautas, além dos preparativos para as comemorações dos dez anos da revista, tirou o doce da minha boca.

Então brotaram os entraves naturais do raciocínio de reportagem: não falar somente com gente de São Paulo e do Rio de Janeiro, o Brasil é mais além; duvidar sempre da abrangência do mapeamento, nem que conversasse com todos os professores e estudantes de jornalismo de todas as universidades do país; bolar um questionário cujas respostas revelassem a mentalidade dos entrevistados; contatá-los.

Mas o que empacou mesmo foi pensar na minha relação com esta matéria. Se como repórter e professor de jornalismo eu vivo discordando dos paradigmas das duas profissões, como me posicionar escrevendo sobre elas? Saquei a chance de expor algumas opiniões na forma e no conteúdo deste texto, que já era parcial, subjetivo e autocrítico antes mesmo de ser redigido. Ele também mostraria o meu ambiente mental.

Comecei pelos professores da área. Marquei com Hamilton Octavio de Souza, colaborador da Caros, meu ex-editor na Revista sem Terra e atual chefe do Departamento de Jornalismo da PUC de São Paulo, 25 anos de docência e 35 de jornalismo impresso. Na conversa, percebi o tamanho do pepino. Hamilton disse coisas assim: “Existem raros professores em alguns poucos cursos de jornalismo que estão comprometidos com o ensino vinculado aos interesses da sociedade. O resto é totalmente acomodado, trabalhando em cursos medíocres que oferecem formação tecnicista, achando que ao jornalista basta escrever e não questionar o que ele está escrevendo. Muita gente não tem experiência jornalística, nunca pisou numa redação, não sabe como é que fecha uma revista, como produz um jornal, não conhece o ritmo de trabalho, nunca participou de uma reportagem”.

TRECHO 2

Via Internet

Das questões enviadas pelo Orkut, o maior conjunto de respostas similares mostra que os alunos não se desiludem com o curso de jornalismo. Poderia ser maturidade, mas, em minha opinião, é o esboço do realismo mais raso e constrangedor. Quase todos optaram pela profissão sem alimentar ilusões quanto ao curso e, menos ainda, em relação ao mercado de trabalho. Nenhuma utopia. Listam anodidamente o feixe de desilusões, os maus professores, a falta de infra-estrutura, as falhas técnicas e humanísticas na formação, os ditames do patrão, das empresas. Planura.

Não são todos. Formada no final do ano passado pela PUC-RS, Thais Fernandes, 22 anos, descreve a trajetória frustrante: “Disseram-me em alguns discursos apaixonados nos primeiros semestres que ser jornalista era trabalhar pelo bem comum, mostrar para o mundo os diversos mundos escondidos, ou propositalmente ignorados. Mas, logo em seguida, ser jornalista tornou-se fazer a melhor passagem, ganhar mais prêmios, ficar melhor no vídeo e vencer todo o resto. De repente, tudo vira uma grande competição. Quem tem o melhor estágio, quem está na grande emissora, quem tem mais contatos. Um atropelo sem fim, que acaba num dia em que todos jogam o chapéu para cima, se abraçam sorridentes, e cochicham entre si quem saiu empregado e quem provavelmente será um fracassado”.

TRECHO 3

Desconhecem o povo

Outra pergunta com resposta padrão diz respeito ao contato dos estudantes com os párias da sociedade. De novo a sinceridade constrangedora: simplesmente desconhecem. Luís Ricardo Bérnago, 2º ano de jornalismo na USP, afirmou que “meu contato é afastado por opção pessoal”. Contato afastado, como assim?

Então notei, relendo o parágrafo acima e a declaração que encerra este, o quanto estudantes e jornalistas se defendem criticando a postura alheia. Acho que todo mundo faz isso. A melhor maneira de saber sobre alguém é perguntando pro vizinho. “Quando aparece alguma notícia, como, por exemplo, a recente veiculação de que pretendiam criar barreiras para evitar o banho dos mendigos na praça da Sé, a lista de e-mail da minha sala abarrotou de protestos indignados contra a prefeitura e a favor dos mendigos. Mas duvido que 5 por cento, 2 por cento até eu diria, faz algum tipo de trabalho social para ajudar estas pessoas”, cutucou Flávia Faccini, da Cásper Líbero.

Apesar de desconhecerem a ralé, os estudantes de jornalismo têm verdadeira fissura em entrevistar, reportar, fotografar, documentar moradores de rua. De preferência, em preto-e-branco. Arrisco uma interpretação: sem consciência profunda dos problemas sociais do país, enxergam o que salta aos olhos, visão superficial porque, inclusive, vários moradores de rua lá estão por motivos diferentes da pobreza, como drogadições em geral, desentendimentos familiares e problemas mentais.

Marcos Zibordi é jornalista: mzibordi@hotmail.com

Íntegra da matéria na edição impressa.

o Comentários para este tópico

- Comentar este tópico